

A advogada Elza Lara reúne a gata Thelma Loubo e o cachorro Baltazar, que teve depressão depois da morte do marido dela



Amigo fiel

Animais de estimação seguem seus donos na alegria e na tristeza e dão lição de amor incondicional

Companheiros de vida

Amigos para todas as horas, os animais de estimação acompanham os donos com amor incondicional e ainda ensinam lições às crianças e também aos adultos

Encantadora, a cachorrinha *Jully* cabia em uma caixa de sapatos quando foi apresentada à dona, que, na época, tinha nove anos. Hoje, 15 anos depois, a yorkshire cresceu um pouquinho e continua sendo o xodó da veterinária Nicolcy de Souza Gomes, 25 anos. É o melhor presente que ela já ganhou. "Eu sempre pedia um cachorro, mas meus pais não me davam. Aí, trouxeram a *Jully*, de surpresa. Foi amor à primeira vista quando eu abri a caixinha e vi que era um a cachorrinha", lembra Nicolcy.

Dedicada companheira, *Jully* acompanhou a infância, a adolescência e, agora, a vida adulta da veterinária. "Ela é como um membro da família. Presenciou todas as etapas da minha vida, é o meu bibebequinho", diz Nicolcy, ao abraçar a mascote com carinho.

O afeto, recíproco, é definido pelos donos como amor incondicional. "É um amor que gratifica e quase não exige. As pessoas percebem mais reciprocidade dos bichos de estimação do que nos relacionamentos humanos, onde se sentem constantemente cobradas e criticadas. Essa troca afetiva intensa entre o bicho e o dono, muitas vezes, supera

relações menos positivas estabelecidas entre pessoas", avalia a psicóloga Ana Paula Magosso Cavagioni, da Clínica Psicologia e Educação.

Casos como esse se repetem em muitos lares. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 44,3% dos domicílios brasileiros têm pelo menos um cachorro e 17,7% têm pelo menos um gato — os dados são da Pesquisa Nacional de Saúde 2013, divulgada neste ano. Isso equivale a 52,2 milhões de cães e 22,1 milhões de felinos, que acompanham o crescimento pessoal e profissional dos donos. "Eles são amigos fiéis que estão conosco em

todos os momentos da vida", diz o veterinário Marcos Eduardo Fernandes.

O estudante Vinícius Leite, 15 anos, não esconde a predileção por *Vicky*, a poodle de 14 anos que foi adotada pela família quando ele ainda era um bebê. "Nós crescemos juntos, brincando. Por mais que também tivesse o meu irmão mais velho, ela sempre ficava atrás de mim — quando eu brincava de bola, ou quando comia bolacha. Ela ficava atrás dos pedaços que caíam no chão."

Hoje, a caelinha enfeiteceu e já não tem o mesmo pique. Está cega, caridiosa e com problema nos rins, mas não precisa de muito esforço para ganhar a aten-



A veterinária Nicolcy de Souza Gomes brinca com a yorkshire *Jully*; a menina tinha nove anos quando ganhou o cão, há 15 anos

ção. "Ela é a única dos nossos cinco cachorros que pode ficar dentro de casa. E dorme na minha cama", conta ele, que tem a atenção disputada também por Ozzy, Sapeca, Luna e Nina.

Mais do que a troca de carinho e os momentos de diversão, a convivência com um animalzinho estimula o desenvolvimento da criança. "Aprendia ser mais responsável, a cuidar, a ter carinho e a ver o outro lado das coisas. Sou o defensor dela. Entendo que, se ela fez sujeira no lugar errado, é porque ela queria sair e não teve como. Então, não tem que ficar bravo", argumenta ele. Leite assume, porém, que a limpeza fica mais a cargo da mãe, a empresária Anna Lúcia França, 48 anos. Mas ela concorda que toda criança deveter um mascote.

Os benefícios são muitos. "Sem dúvidas, uma criança que ganha um bichinho de estimação começa, desde cedo, a criar responsabilidade. O contato com animais pode ser uma forma de ela aprender a exercer elementos importantes para o amadurecimento — como o afeto, o cuidado, o respeito e a dedicação", lista a psicóloga Ana Paula. Ela completa: "Esse aprendizado é importante para o desenvolvimento da sociabilidade e da autoestima". A especialista lembra, ainda, que a criança passará a entender sobre o ciclo da vida, o nascimento e a morte.

O lado bom também é sentido na fase adulta. "A chegada de um bichinho de estimação é sempre vista com bons olhos, pois pode trazer ao homem

Fabrizio Mendes/Objetivo



O está adiante Vinícius Leite é rodeado pelos cachorros Luna, Sapeca, Micky, Ozzy e Nina

saúde física e mental", diz Ana Paula.

Amor animal

Da mesma forma que os humanos escolhem seus bichinhos, os animais também escolhem quem serão seus grandes amigos. "Eu sempre tive animais de estimação e senti falta quando me casei. Então, soube que uma amiga recolheu gatinhos do lixo e fomos ver. Chegando lá, o Zé era o mais simpático. Vele nos cheirando e lambendo. Não tivemos dúvida", conta a empresária Claudia Campanhã, 38 anos, que adotou o bichano há 13 anos.

"Passamos por muita coisa juntos. Ele acompanhou tudo. Faz parte da minha vida adulta, do início da família, do meu desenvolvimento profissional. Ele é o meu xodozinho", relata a empresária. Ela diz que a relação com o gato tem valor inestimável. "É um amor para renovar as energias e encarar o mundo, cada dia mais difícil, violento, individualista e estranho. É incrível como os animais nos ensinam a ser pessoas melhores", diz Claudia, ao destacar que foi Zé o primeiro a perceber que ela estava grávida de Lorena de Paula Campanhã, hoje com sete anos.

"Ele começou a me rejeitar, a ter um comportamento estranho. Me sondava, mas eriçava o pelo e saía fazendo barulho. Fugia do meu colo e escondia", ri a empresária.



O gato Zé acompanhou a chegada de Lorena (à esq.) e parte da vida de Claudia Campanhã

A rejeição inicial é comum, segundo o veterinário Augusto Pegoraro, da empresa de petisco caninos BioDog. "Quando um animal entra para uma família sem filhos, normalmente, ele passa a ser considerado pelos donos como tal. A relação se mantém com essa característica, mesmo após o nascimento de um bebê. Porém, esse acontecimento pode impactar o comportamento do bicho, que, como um irmão mais velho, pode se sentir enciumado em dividir a atenção dos pais com um novo membro da família", justifica.

Claudia destaca que, no começo, houve uma curiosidade do bichinho pela bebê, mas, agora, são uma família feliz. "O Zé e os cachorros que adotei de-

Benefícios do convívio

Crianças e adultos têm muito a ganhar ao desenvolver uma relação próxima com um bichinho de estimação:

- Desenvolve responsabilidade
- Ensina a compartilhar o espaço, a atenção e os objetos
- Experiência com perdas
- Exercita o amor, o afeto, o cuidado e a dedicação
- Desenvolve a noção de respeito



Fonte: Ana Paula Magro Cavaglini, psicóloga da Cia Psicologia e Educação; Augusto Pegoraro, médico veterinário da empresa de petiscos para cães BioDog; e Cláudia Rossetti Rodrigues Prates, veterinária especializada em comportamento canino do Vet Quality Centro Veterinário 24h

pois também acolheram bem a Lorena. Tanto que, após um tempo, eu os chamava e eles não o pareciam. Quando ia procurar, eles estavam dormindo, tranquilamente, nos pés do berço dela."

O especialista Pegoraro diz que, como o humano encara o bicho como um ente querido, a reciprocidade é verdadeira. "O cão, por exemplo, enxerga os membros da família como parte integrante de matilha dele", explica.

Claudia assina embaixo. "Temos uma relação muito legal, bacana e amorosa. Sinto-me amada pelos bichinhos e tenho certeza de que eles também se sen-



O advogado Spencer Miranda posa com o cão-guia Happy

APARELHOS AUDITIVOS
DIA DOS PAIS ALIVEX, AGORA VOCÊ GANHA O PRESENTE
COMPRE O APARELHO E GANHE A CONECTIVIDADE

24X

ALIVEX

CONFIRA NOSSO ANÚNCIO NA 4ª CAPA



Fabrizio Mendonça/Contrasto

■ A empresária Adriana Franco e o publicitário Reinaldo Feurhuber dão carinho a Nina; a cachorrinha foi achada e adotada no primeiro mês de namoro deles

tem amados por nós."

Patas que guiam

Para o advogado Spencer Miranda, 26 anos, o labrador Happy é muito mais do que um amigo. "Em casa, ele é um cachorro normal, que corre, brinca e pula. Mas, na rua, ele é quem me ajuda a andar com confiança e que me alerta quando há algum obstáculo", conta ele, que, por ser cego, utiliza o cão-guia há oito anos. "Ele mudou radicalmente a minha vida. Foi quem me permitiu começar a vida adulta, esta fase de conhecer gente, nos estudos e no trabalho", conta Miranda, quem não tem aviso desde que nasceu, por causa de uma má formação da retina.

No Projeto Cão-Guia de Cegos, o animal é escolhido de acordo com o tipo de vida do dono — se anda devagar, rápido e quais ambientes frequenta. "O grande

desafio dos treinadores é encaixar o cão no perfil do usuário, para que tenham sintonia e uma boa adaptação. E, no meu caso, deu absolutamente tudo certo", comemora o advogado.

Cupido canino

A cachorrinha Nina também é superespecial para os donos, a empresária Adriana Franco, 44 anos, e o publicitário Reinaldo Feurhuber, 37 anos. "Ela foi nosso cupido, está conosco desde o primeiro mês de namoro. Quando tínhamos alguma briga, sempre pensávamos nela, que já era como a nossa filhinha", conta a empresária.

Adriana não resistiu quando encontrou Nina na rua, há 13 anos, mas sabia que os pais, com quem ela vivia na época, seriam contra a adoção. "Vi aquela cachorrinha preta rebolando, balançando o rabo. Parei o carro, e ela pulou

para dentro quando eu abri porta. Na hora, liguei chorando para o Reinaldo, e ele topou ficar com ela até acharmos alguém para doá-la. Mas ela é encantadora, e fomos nos apaixonando", conta. O casamento veio cinco anos depois.

O casal ainda não teve filhos, mas adotou mais uma cachorrinha, a vira-lata Pipoca. "Não substituem uma criança, mas sou apaixonada por eles. Cuido, me preocupo e chamo de filho."

O cocker Spock também faz alegria do casal de contadores Rosa Maria de Albuquerque Fernandes, 60 anos, e Manuel dos Santos Fernandes, 63 anos.

"Meus irmãos e eu nos mudamos da casa dos meus pais, mas nem cogitamos levar o Spock. Afinal, ele já está acostumado à casa antiga", conta o mecânico de motos Ricardo de Albuquerque Fernandes, 35 anos, que adotou o cão há 19 anos, a contragosto dos pais. "Eles foram se acostumando e, agora, o Spock é o com panheirão deles", observa, feliz.

Da infância à fase senil, uma coisa é certa: os animais de estimação são ótimos com panheiros de vida. A veterinária Lívia Romeiro Rodrigues Prata, especialista em comportamento canino do Vet Quality Centro Veterinário 24h, decreta: "Se tem uma coisa que eles sabem fazer muito bem é retribuir o carinho oferecido". (Lais Oliveira)



Lais Oliveira/Contrasto

Ricardo (ao centro) visita o cão Spock, que mora com os pais, Manuel e Rosa Maria



Fabrizio Mendonça/Contrasto

A advogada Elza Lara abraça o cão Baltazar, sob o olhar da gata Thelma Louise

Cão teve depressão após morte do dono

Abanar o rabo e ronronar são apenas algumas formas que os animais usam para se expressar. Variações pequenas de humor podem não ser percebidas, mas os animais também ficam tristes e sofrem. O beagle Baltazar é um exemplo. Sempre calmo e amoroso, ele entrou em depressão quando o dono, Walfrido Pianzani, morreu, no ano passado. "Eles eram muito apegados e, antes mesmo da morte do Walfrido, o cachorro já estava se sentindo. Ele foi ficando triste, abalado, não queria comer e não vinha quando o chamávamos", conta a viúva, a advogada Elza Lara, 66 anos. Foi preciso antidepressivo e muito carinho porque para que o animal se recuperasse.

Não é à toa que os bichos de estimação são descritos como companheiros fiéis. "O laço afetivo entre eles e os donos é extremamente forte e muito respeitado pelos bichos", afirma Lívia Romeiro Rodrigues Pra-

ta, do Vet Quality Centro Veterinário 24h.

Elza ainda tem a gata Thelma Louise, nove anos. "Ele é meu último cachorro, e ela, a minha primeira e última gata. Quando eles se forem, eu vou sentir falta, vou chorar, mas não vou pegar outros. Afinal, não seria justo se eu morresse antes deles."

Quem também sofreu ao lado de seu dono foi o boxer Luke, que conseguiu entrar no hospital onde o aposentado Lucilo Marconi estava internado e ficou na janela o tempo todo para acompanhá-lo. "Eles moravam perto do hospital. Um enfermeiro se solidarizou e deixou o cão entrar no jardim", conta os brincos de Marconi, o advogado Marcio Lourencini, 41 anos.

O cachorro, segundo ele, morreu dois anos depois e, após alguns meses, foi a vez do dono. "A morte de um animal de estimação é um luto, muito doloroso", pontua a psicóloga Cecília Zyberstajn.

Na alegria e na tristeza



Foto: reprodução

O cachorro **Bimbo** não saiu do lado do dono, Pedro dos Santos, que tinha 87 anos, mesmo após o idoso morrer atropelado na rodovia MG-050, em Passos (MG). O acidente aconteceu em junho, e o cãozinho ficou com o corpo até ele ser removido da pista. A família de Santos buscou o cachorro

Pitoco também acompanhou o atropelamento e morte de seu dono, o soldador Israel Pires, que tinha 59 anos ao ser atingido por um caminhão em Sorocaba (a 99 km de São Paulo), no dia 3 de fevereiro. O bicho ficou do lado do corpo e, dias depois, ainda esperava pela volta do homem



O golden retriever **Figo** salvou a vida da dona, Audrey Stone, de 62 anos, que é cega. Ele se ajoelha frente de um micro-ônibus. O acidente foi no dia 8 de junho, em Nova York (EUA). O cão teve um corte profundo na pata da direita e a dona, que também foi atingida, teve fraturas em três costelas, um tornozelo e um cotovelo



O cachorro de um morador de rua

corria atrás da ambulância onde o dono estava sendo resgatado, após um ataque epilético, quando os bombeiros perceberam e deixaram o cãozinho entrar no veículo, em dezembro do ano passado, em Taguatinga (DF). Depois, no hospital, ele ficou em guarda ao lado da maca durante o atendimento



A história do cãozinho **Hachiko** comoveu o mundo. Ele acompanhava o dono, o professor Hidesaburo Ueno, todos os dias até a estação de trem de Shibuya, na capital japonesa, Tóquio, e esperava lá. Mas, um dia, Ueno teve um derrame. O cãozinho voltou à estação durante nove anos e dez meses, na esperança de encontrar o antigo dono. Ele morreu em 1935 e, em sua homenagem, foi feita uma estátua de bronze dele, colocada na estação. O caso virou o filme "Sempre ao Seu Lado" (2009), com Richard Gere.



O husky siberiano **Wiley** parecia emocionado ao visitar o túmulo da sua antiga dona, Gladys, na Califórnia (EUA), em 2013. A nova dona, Sarah Varley, fez um vídeo onde ele aparece emitindo sons parecidos com um choro. As imagens emocionaram as pessoas nas redes sociais. Wiley faz parte de um programa americano em que os cachorros ajudam veteranos de guerra a superar o estresse pós-traumático

